

Construtivismo Radical ou Trivial?

Trivial or Radical Constructivism?

Julio Mazzoni¹
Gustavo Arja Castañon¹

Resumo

Com alguma influência em psicoterapia e pedagogia, o construtivismo radical de Ernst von Glasersfeld é uma teoria que se apresenta como revolucionária e defende que o conhecimento nada mais é que uma construção que fazemos com base nos dados subjetivos de nossa experiência. No entanto, se radical, ele é uma forma contemporânea de solipsismo; se renuncia ao solipsismo, é um realismo piagetiano trivial. Estéril na prática, o construtivismo radical é uma variação idealista contemporânea de relativismo que defende teses condenadas por contradições claras, entre elas, a assunção de pressupostos ontológicos para negar a necessidade de ontologia, o recurso a investigações empíricas para sustentar que o conhecimento objetivo não existe e o uso da linguagem para comunicar que a linguagem não pode comunicar.

Palavras-chave: construtivismo radical; construtivismo; epistemologia; Glasersfeld.

Abstract

With some influence in psychotherapy and pedagogy, radical constructivism is a theory proposed by Ernst von Glasersfeld which presents itself as revolutionary and argues that knowledge is nothing more than a construct that we make based on our experience subjective data. However, if radical, it is a contemporary form of solipsism; if it renounces solipsism, it is a trivial Piagetian realism. Sterile in practice, radical constructivism is a contemporary idealistic variation of relativism that proposes theses condemned by clear contradictions, including the assumption of ontological presuppositions to deny the need for ontology, the use of empirical research for sustaining that objective knowledge does not exist and the use of language to communicate that language cannot communicate.

Keywords: radical constructivism; constructivism; epistemology; Glasersfeld.

¹Universidade Federal de Juiz de Fora (Juiz de Fora), Brasil

Embora praticamente sem relevância na filosofia contemporânea, o construtivismo radical (CR) é uma corrente com alguma influência na pedagogia e psicoterapia. Este artigo tem como objetivo apresentar um resumo do estado final das posições epistemológicas e ontológicas do CR de Ernst von Glasersfeld (1917–2010), assim como um resumo das críticas mais comuns a seu pensamento. Por fim, também apresentaremos algumas críticas originais e uma avaliação do estado atual da abordagem. Este trabalho é uma análise teórica baseada em pesquisa bibliográfica.

Começaremos por definir o conceito de construtivismo e, em seguida, de forma geral, o CR. Logo após, nos deteremos em conceitos alegadamente originais dessa abordagem e, depois, nas principais críticas sofridas, com as respostas oferecidas por Glasersfeld, quando for o caso. Por fim, concluiremos com uma avaliação geral de sua obra.

O que é Construtivismo?

O termo “construtivismo” é introduzido no pensamento contemporâneo por Jean Piaget (1967). Na *Epistemologia genética*, a metáfora da construção é evocada para indicar o papel ativo do sujeito na elaboração de suas estruturas cognitivas. Mas a ideia de sujeito ativo na construção de suas representações da realidade generalizou-se na filosofia a partir da *Crítica da razão pura* de Kant (1787/2001). Não é só Piaget que se declara kantiano e reconhece a herança criticista do construtivismo (em Piatelli-Palmarini, 1987). A inversão do sentido da relação entre sujeito e objeto presente na obra de Kant é generalizada (Brouwer, 1983; Hacking, 1999; Mahoney, 2004; Phillips, 1995; Rychlak, 1999; Rockmore, 2005; Glasersfeld, 1984) considerada a raiz do construtivismo contemporâneo.

Como esclarece Castañon (2009), podemos indicar dois sentidos em que o termo “construção” é usado em relação à filosofia kantiana. O primeiro, mais básico e original, é o que ocorre em nossas intuições empíricas (sensações, grosso modo) e, por exemplo, nos é lembrado por Longuenesse (1998), que indica que nossas representações dos objetos empíricos são construídas de forma automática pelas estruturas inatas de nossa mente. O segundo, mais geral e superficial, indica o processo voluntário e consciente de construção de hipóteses sobre a natureza para posterior teste empírico de sua validade.

O CR pode ser considerado herdeiro tanto de uma interpretação idealista da filosofia kantiana quanto da obra de Piaget. Piaget (1973) tentou abordar cientificamente questões de teoria do conhecimento através da investigação da gênese das estruturas cognitivas do sujeito, empreitada à qual deu o nome de epistemologia genética. Para Piaget, a construção do conhecimento, das representações da realidade, exige que o sujeito que conhece interaja com o objeto conhecido, agindo sobre ele. A diferença para o construtivismo kantiano é que, para Piaget, além das representações dos objetos, nós construímos também as próprias estruturas da mente através das quais construiremos as representações dos objetos.

É através dos processos de assimilação e acomodação que se constroem essas estruturas. Quando uma criança tem uma experiência que não corresponde a seus esquemas, ela primeiramente tenta assimilá-la a eles. No entanto, se suas explicações e previsões são repetidamente desmentidas pela experiência, ela tende a modificar o esquema para acomodá-lo a essa nova informação. É fundamental aqui perceber o papel do ambiente no processo de construção do conhecimento. Ao se opor às expectativas do esquema para o funcionamento do mundo, a informação ambiental se revela independente da vontade e das crenças do sujeito. É seguro afirmarmos que Piaget, como Kant, é essencialmente realista, criticista e construtivista. Em praticamente todos os seus textos, se pode encontrar algum parágrafo de compromisso com o realismo, como “o universo constitui-se num todo de objetos permanentes, ligados por relações causais independentes do sujeito e situados num espaço e tempo objetivos” (Piaget, 1979, p. 327). Na introdução de sua obra-prima, a *Epistemologia genética*, afirma Piaget:

Em poucas palavras se encontrará nestas páginas a exposição de uma epistemologia que é naturalista sem ser positivista, que

põe em evidência a atividade do sujeito sem ser idealista, que se apoia também no objeto sem deixar de considerá-lo como um limite (existente, portanto, independente de nós, mas jamais completamente atingido) e que, sobretudo, vê no conhecimento uma elaboração contínua (Piaget, 1975, p. 131).

Em suma, a ideia básica por trás daquilo que chamamos de construtivismo é a de um sujeito ativo, uma inteligência que constrói, organiza e dá forma às suas representações do mundo, que, por sua vez, se adaptam às limitações de sua estrutura cognitiva.

O Construtivismo Radical

O termo “construtivismo radical” (e a interpretação peculiar de Piaget associada a ele) surge pela primeira vez na publicação de Glasersfeld e Smock intitulada *Epistemology and education: the implications of radical constructivism for knowledge acquisition*, de 1974. Essa perspectiva sofre influências que vão desde o ceticismo pré-socrático e as filosofias de Vico e Berkeley até a cibernética de segunda ordem, a psicolinguística, a psicologia cognitiva, a escola operacionalista de Cecato, a autopoiese de Maturana e, principalmente, a epistemologia genética de Piaget. Glasersfeld é o principal responsável pelo amálgama que deu origem a essa nova corrente construtivista. O epíteto “radical” foi utilizado, segundo Glasersfeld (2005), no mesmo sentido que William James o utilizou em seu empirismo radical, significando que sua proposta era de “ir às raízes” da obra piagetiana e de suas implicações epistemológicas.

Müller (2010) caracteriza o CR como uma rede de programas de pesquisas de cientistas que desenvolveram trabalhos na área cognitiva a partir dos anos 1960 e 1970, como Ross Ashby, Stafford Beer, Heinz von Foerster, Ranulph Glanville, Humberto Maturana, Gordon Pask, Ricardo Uribe e Francisco Varela. Já nos anos de 1980 a 1990, autores como Dirk Baecker, Peter Hejl, Niklas Luhmann, Gerhard Roth, Siegfried Schmidt e Paul Watzlawick fizeram colaborações significativas para a expansão daquilo que Müller chamou de rede de pesquisa do CR. Como nos aponta Boden (2010), uma característica do CR é justamente esse caráter interdisciplinar que combina *insights* das ciências naturais e aplicadas. Essa interpretação, no entanto, pode transmitir a falsa ideia de homogeneidade na tradição teórica dessa abordagem. Podemos encontrar entre estes autores que divergem em alguns aspectos do

CR e resistem a serem identificados como construtivistas radicais, como Von Foerster e Humberto Maturana (Kenny, 2007; Müller, 2010).

A despeito das características históricas peculiares ao surgimento e posterior desenvolvimento do CR, podemos defini-lo como uma tese filosófica sobre o conhecimento que pretende romper com as posições-padrão da epistemologia ao defender novos significados para conceitos como verdade, realidade e conhecimento. Glasersfeld (1989b; 1996) resume o CR a duas proposições básicas:

- (1) o conhecimento não é passivamente recebido através dos sentidos ou por meio de comunicação, mas é ativamente construído pelo sujeito cognoscente;
- (2) a função da cognição é adaptativa e serve para a organização do sujeito de seu mundo experiencial, e não para a descoberta de uma realidade objetiva.

A primeira proposição é a característica fundamental — ou deveria ser — de qualquer perspectiva construtivista, não se diferenciando fundamentalmente da tradição iniciada por Kant. Já a segunda proposição pretende dar o caráter de singularidade e radicalidade do CR. O conhecimento deixa de ser o resultado da busca por correspondência entre pensamento e realidade para ser encarado como uma mera forma de adaptação cognitiva.

Construtivismo Radical e o Conhecimento

Nós acreditamos poder sintetizar adequadamente o CR de Glasersfeld em quatro teses. A primeira é o declarado ceticismo ontológico e a denúncia de um “realismo acrítico” que seria defendido pela ciência moderna. A segunda é a tese de que só temos acesso ao mundo experiencial de nossas sensações e construções. A terceira é a troca do conceito de verdade na relação de conhecimento pelo conceito pragmático de viabilidade. No conhecimento, não buscaríamos a verdade, mas a adaptabilidade de nossas crenças. Por fim, a tese de que essa adaptabilidade não se julga pela correspondência com um mundo externo, mas pela consistência interna com nossas crenças anteriores.

Contra o Realismo Ontológico

Glasersfeld afirma que sua posição rompe radicalmente com a posição padrão do realismo ontológico. Dizendo alinhar-se com Piaget, Glasersfeld (1984) apresenta uma interpretação idealista de sua posição: “O Construtivismo Radical abandonou o

‘realismo metafísico’, de uma vez por todas, e se encontra em total concordância com Piaget, que diz: ‘A inteligência organiza o mundo organizando a si mesma’” (p. 5). Mas será que é realmente a rejeição radical ao realismo o que o CR defende?

Não é raro que autores sem (ou com) formação filosófica usem o termo “realismo ontológico” (ou só “realismo”) para se referirem a conceitos totalmente diversos. Uma coisa é dizer que não existe nada além de nossa consciência. Outra é dizer que só podemos conhecer os objetos de nossa consciência. Outra ainda é dizer que nossas representações dos objetos não têm como serem julgadas de acordo com os objetos reais. A rigor, realismo ontológico é a tese de que existem objetos reais, que independem de nossa consciência. Dizer que podemos conhecê-los é otimismo epistemológico. Dizer que conhecimento é uma crença que corresponde ao objeto real da crença é adotar a verdade como condição do conhecimento. Qual ou quais dessas posições o CR efetivamente nega?

Conhecimento para o construtivista radical é o conjunto de construções mentais que satisfazem as restrições impostas pelo mundo de nossas experiências oferecendo uma forma viável de organização das mesmas, não sendo uma réplica idêntica ou aproximada da realidade. Uma vez que o conhecimento é uma função de um organismo que busca ordenar o fluxo de suas experiências, não teríamos meios de afirmar ou pressupor a existência de algo que independa de nossa consciência: o que conhecemos é nossa experiência. Glasersfeld faz uso de vários argumentos céticos, alguns presentes na filosofia desde o ceticismo pirrônico, para defender a impossibilidade de comparação entre o conhecimento que afirmamos ter e essa dimensão de existência independente chamada realidade:

É impossível comparar nossa imagem da realidade com a realidade lá fora. É impossível, porque para checar se nossa representação é uma imagem “verdadeira” da realidade nós deveríamos ter acesso não só à nossa representação, mas também à realidade externa antes de conhecê-la. E porque o único caminho pelo qual nós supostamente podemos alcançar a realidade é precisamente o caminho que gostaríamos de checar e verificar, não há saída possível desse dilema (Glasersfeld, 1981, p. 89).

Vemos aqui que Glasersfeld não nega a existência da realidade, somente abre mão de qualquer

afirmação sobre a existência ou não desta, caindo, portanto, numa espécie de ceticismo metafísico. Para ele, podem existir objetos externos, mas a) nós não sabemos se existem; b) o objeto do conhecimento (nossas representações) é o mundo da experiência consciente. De forma semelhante à ideia de sistemas autorreguladores da cibernética, a aprendizagem é tida como um processo de auto-organização onde só podemos ter acesso àquilo que nós próprios construímos. Assim, podemos afirmar que o CR é pessimista epistemológico e não assume posição direta acerca da existência ou não da realidade.

Quando Glasersfeld se bate contra o realismo ontológico, de fato, está querendo negar que o conhecimento tenha algo a ver com a adequação de nossas representações à realidade. É por isso que reiteradamente ele afirma que o CR não assume posições ontológicas (Glasersfeld, 1984; 1990; 1994; 1996; 2000; 2001; 2004).

Construtivismo Radical e Solipsismo

Na interpretação do CR, as representações que fazemos do meio, das outras pessoas e do mundo são apenas resultado de nossa atividade cognitiva, tendo como base dados sensoriais — compreendidos como partes de nossa experiência —, não se fazendo referência a um processo causal ou interativo relacionado a estruturas que existiriam para além de nossa experiência (Glasersfeld, 1974). Mas, se não temos acesso à realidade e estamos presos no mundo de nossas representações, estamos diante de uma posição solipsista. O sujeito estaria isolado tanto do mundo quanto de outros.

Diante dessas acusações, Glasersfeld recorre ao conceito de adaptação para salvar sua tese. O que faria com que os organismos se adaptem e algumas construções se mostrem viáveis são certas regularidades nas suas relações *input-output* com o que Glasersfeld chama de “caixa preta” (Glasersfeld, 1974). O conceito de “caixa preta”, comum à cibernética, faz referência a um dispositivo cujo funcionamento interno (ou sistema) é desconhecido, sendo possível somente inferir seu padrão de funcionamento com base nas entradas e saídas de informação. Glasersfeld o utiliza de forma análoga para se referir a um ambiente que seria totalmente desconhecido pelo sujeito cognoscente.

Mas, apesar de considerar que o mundo “real” dá sinais de sua existência ao não se comportar de acordo com nossos esquemas construídos, interferindo, portanto, na adesão a eles, ele nega (contraditoriamente) que o mesmo tenha papel na construção do conhecimento:

Isso significa que o mundo “real” se manifesta exclusivamente onde nossas construções falham. Mas já que nós somente podemos descrever e explicar esses fracassos através dos próprios conceitos que usamos para construir as estruturas desabadas, esse processo nunca poderia produzir uma imagem de mundo que pudéssemos assumir como responsável por seu fracasso (Glasersfeld, 1984, p. 39).

Isso é inconsistente: Glasersfeld varia entre afirmar em alguns momentos a inacessibilidade ao mundo e o isolamento do sujeito e, em outros, a presença de regularidades em *inputs* e uma influência do mundo capaz de restringir as possibilidades de nossas construções. Mas o problema é que ou aceitamos uma coisa, ou aceitamos outra.

O Conhecimento não diz Respeito à Verdade: o Conceito de Viabilidade

Glasersfeld (1984) usa uma de suas costumeiras metáforas para distinguir entre o que ele chama de conhecimento “*match*” e conhecimento “*fit*” (algo como “igualar” *versus* “ajustar”). Quando uma declaração de conhecimento busca se igualar ao objeto real, teríamos uma adesão ao realismo metafísico (Glasersfeld, 1984) — mais uma vez, vemos a confusão entre realismo e verdade como correspondência; no entanto, quando com a palavra “conhecimento” pretendemos nos reportar somente a algo que “se ajusta” (“*something fits*”) ao objeto real, temos em mente uma relação diferente entre uma proposição e a realidade:

Uma chave “serve” se abre a fechadura. Esse servir descreve a capacidade da chave, não da fechadura. Graças a ladrões profissionais sabemos muito bem que existem muitas chaves desenhadas de forma bastante diversa das nossas mas que, entretanto, abrem nossas portas (Glasersfeld, 1984, p. 21).

Para Glasersfeld, esse é o sentido que a palavra “*fit*” recebe no darwinismo. Uma teoria, assim como uma mudança genética aleatória num organismo, sobrevive se servir bem na solução de uma situação que é um obstáculo para alcançar uma meta. Glasersfeld (1998) chega a afirmar que se baseia no que seria a ideia-chave de Piaget: que o que se chama de

conhecimento não teria como propósito a produção de representações de uma realidade independente, mas somente uma função de adaptação ao meio-ambiente. Assim, o que temos aqui é a troca do critério de verdade como correspondência por uma concepção pragmática de conhecimento.

Mas existe mais uma distinção clara entre o CR e o construtivismo de Kant, Piaget ou Popper. Essa é a negação de que há progresso no conhecimento ou, particularmente, do conceito popperiano de verossimilhança. Não há como escolher dentre duas teorias que “servem” para abrir uma porta, qual das duas é mais “semelhante” à fechadura, ou mais viável, ou melhor, o que faz dessa abordagem uma forma de relativismo. Uma teoria que funciona não nos daria nenhuma pista sobre como o mundo objetivo é; somente daria o conhecimento de um caminho “viável” para se atingir uma meta. O conhecimento ordenaria e organizaria somente o mundo de nossa própria experiência. Não haveria critério racional (ao contrário do que pensa Popper) para se escolher a teoria melhor ou mais verossimilhante. Para não cair numa contradição evidente, Glasersfeld afirma que esse princípio se aplica ao seu modelo epistemológico, alegando que o CR é somente mais uma proposta, uma forma adaptativa de pensar o problema do conhecimento (Glasersfeld, 1981).

Se na teoria da evolução o organismo se encontra cercado por limites independentes do sujeito, reais, referentes à sua constituição fisiológica e condições ambientais, no CR temos perturbações que impedem o equilíbrio em nível cognitivo, derivadas de uma incompatibilidade entre os objetivos traçados pelo organismo e os meios utilizados para sua consecução (Glasersfeld, 2007c). Mas, ao contrário do que pode parecer, essas restrições seriam puramente lógicas e conceituais. O conhecimento precisa ser “viável”, não verdadeiro. E, para ser viável, ele precisa se encaixar no esquema das estruturas conceituais existentes sem provocar qualquer contradição (Glasersfeld, 1994).

Para Glasersfeld (1981; 1984), conceitos, teorias e estruturas cognitivas em geral são viáveis e se sustentam enquanto servirem aos fins para os quais foram direcionados, desde que eles permitam de forma razoavelmente confiável que consigamos obter aquilo que desejamos. As regularidades que dão certa constância às nossas construções cognitivas são sempre abstrações de regularidades de experiências prévias que, quando replicadas, se mantêm viáveis. A repetição seria a chave para a perpetuação da viabilidade das regularidades em nossas construções mentais (Glasersfeld, 1981).

Resumidamente, conhecimento é o que o organismo acumula na tentativa de ordenar o fluxo amorfo de sua experiência através da criação de experiências repetitivas e de certas combinações de relações relativamente confiáveis entre si. Sua função seria eliminar as perturbações e inconsistências entre as construções. Mas não só a lógica limitaria estas últimas. Nossas construções não seriam totalmente livres devido à existência de restrições que selecionam aquilo que não é viável, permitindo somente a sobrevivência daquilo que não se choca com elas. Há uma dimensão tanto social quanto física na qual estamos inseridos e pelas quais somos limitados (Glasersfeld, 1989a; 1991a).

Ora, mas se assumimos essa última versão de Glasersfeld do conceito de viabilidade, teríamos que reformular sua primeira definição e dizer que a não contradição é condição necessária, mas não suficiente da “viabilidade”. Todavia, não seria possível conciliar essa segunda versão com o solipsismo e o pessimismo epistemológico do CR. O problema aqui é, novamente, se o sujeito não experimenta essas restrições como algo que funciona de forma independente de sua crença e vontade, não há restrições não lógicas a nossas construções. Se experimenta, o CR é um construtivismo trivial (e nada original).

Construtivismo Radical, Interação social e Linguagem

Embora o CR atribua certa importância à interação social no processo de aprendizagem, responsabilizando-a por causar perturbações e restrições a nossas construções (Glasersfeld, 1989a), ele oferece desta somente um modelo explicativo rudimentar (Glasersfeld, 1989a; 2000; 2008). Para Glasersfeld, a construção do “outro” seguiria a mesma base dos processos de assimilação e acomodação. Por meio da nossa experiência com objetos que possuem certas propriedades específicas que os diferenciam dos “seres inanimados”, seríamos capazes de produzir uma construção sobre um “outro” que é responsável por uma interação. Em meio a esse processo e a essa interação é que se consolidaria não só uma construção confiável de um “outro”, mas também a de “eu” social. Em franca dissonância com o caráter “radical” de sua posição, Glasersfeld afirma que esse outro limita as construções individuais possíveis.

Em sua interpretação sobre a linguagem, o CR adota e adapta os conceitos derivados da teoria da informação de Shannon (1948). Para o construtivista radical, a decodificação da mensagem é sempre

unilateral e subjetiva. Como sabemos, numa relação comunicativa entre receptor e transmissor, há transmissão apenas de sinais e não de significados. Disso conclui Glasersfeld que o significado é sempre uma construção relativa unicamente à experiência individual do interlocutor: cada um de nós construiria o significado das palavras, dos textos, das frases que nos são direcionadas (1989a; 1989b). No processo de comunicação, os envolvidos nunca compartilhariam de significados idênticos; no máximo, compatíveis, a ponto de não causarem nenhuma reação inesperada. Essa ausência de perturbação seria a grande responsável pela perpetuação do diálogo e pela ideia de entendimento mútuo. O que se pode obter em um processo de comunicação é, no máximo, essa indução no receptor de estruturas conceituais compatíveis com as de seu emissor.

Mas então começam os problemas. A escolha de significados seria independente de influência ambiental e da interação? De um modo geral, no CR, a linguagem não é considerada essencial para a cognição e seu desenvolvimento; muito pelo contrário, ela é fruto da interação social e de certo desenvolvimento cognitivo (Hardy & Taylor, 1997). Num dado momento, as crianças desenvolveriam por tentativa e erro a relação entre as palavras e seus significados (Glasersfeld, 2007c). O processo de acomodação e ajustamento do significado das palavras e expressões linguísticas se prolongaria por toda a nossa vida. Ainda segundo Glasersfeld, após a aquisição através da interação entre certo vocabulário e as regras sintáticas construídas, esses podem ser usados para formar novas combinações e novos complexos conceituais (1989a; 1989b). Essa posição sobre a linguagem acaba exacerbando no âmbito pedagógico a ênfase estéril no truismo de que não é possível a transferência de significado entre o professor e o aluno através do processo comunicativo.

Mas, ora, ou o mundo não tem papel na seleção de significados — e, assim, qualquer atividade comunicativa seria totalmente desprovida de propósito —, ou a interação com o ambiente e comunicações de outras pessoas influencia a seleção interna de significados, e a teoria “radical” de Glasersfeld seria, na realidade, uma banalidade filosófica.

Construtivismo Radical: poucas Teses, muitas Inconsistências

Podemos identificar nas obras de Glasersfeld uma estratégia típica da filosofia pós-moderna. Uma tese radical e inverossímil, portanto, geralmente inédita, é o passaporte para a entrada de um autor no

debate acadêmico do momento. Assim que suas consequências absurdas ou contraditórias são evidenciadas, estas são geralmente seguidas de retificações em obscuros artigos-resposta, retificações que, no entanto, levam a posições banais, sem interesse filosófico. Essa é uma estratégia de mercado que Kukla (2000) denomina o pecado filosófico do “*reverse switcheroos*”: difundir a versão forte de uma tese e, assim que seus problemas forem apontados de forma cabal, recuar para uma versão fraca da mesma tese, fingindo que era essa versão fraca que se tinha em mente o tempo todo. Vamos ver como julgamos que isso acontece com o CR.

Ou Solipsismo Radical, ou Construtivismo Trivial

Martínez-Delgado (2002) foi um dos críticos a enfatizar a ausência de clareza do CR, que parece oscilar entre o realismo e uma estranha espécie de solipsismo. Na verdade, parece que a grande motivação para novos artigos sobre o CR, dentre os quais este se inclui, é essa ambiguidade e a perplexidade que ela gera.

Ao mesmo tempo em que o CR defende a impossibilidade de acesso racional à realidade pelo sujeito (tese que justifica seu título de radical e onde residiria sua suposta originalidade; Glasersfeld, 1991a; 1991b; 1996), afirma que as construções do sujeito não são livres. O mundo se manifestaria onde nossas construções “quebram” e nossas previsões e cursos de ação falham (Glasersfeld, 1984). Em outras palavras, Glasersfeld afirma que T1) o sujeito constrói suas representações sem acesso à realidade; T2) o sujeito não pode construir o que deseja, suas construções são limitadas pela interação com o meio e com outros seres humanos.

Ora, se as construções são limitadas de qualquer forma, seja por um meio, seja por uma interação social, as representações do sujeito são influenciadas pela realidade, porque se comportam de forma independente de sua vontade. Ou Glasersfeld quer dizer T1 e é radical e irrelevante para o conhecimento (pois cada um constrói representações sem ligação com o real ou outros sujeitos), ou quer dizer T2 e é trivial, pois não difere da tradição construtivista, ou ainda quer dizer mesmo T1 e T2 e é inconsistente. Nós optamos pela última interpretação. Leia-se o seguinte trecho ilustrativo da confusão teórica de Glasersfeld:

O absurdo do solipsismo vem da negação de qualquer relação entre o conhecimento e a experiência de um mundo independente. O Construtivismo Radical tem sido cuidadoso em sublinhar que toda ação, seja física ou

conceitual, está sujeita a limitadores. Eu não posso caminhar através da mesa à minha frente mais que sustentar que preto e branco são o mesmo ao mesmo tempo. O que me limita, no entanto, não é exatamente o mesmo nos dois casos. Que a mesa constitua um obstáculo a meu movimento físico, se deve a distinções particulares que meu sistema sensorial me permitem fazer e ao modo particular pelo qual eu tenho os coordenados. De fato, se eu pudesse agora caminhar através da mesa, isso não se encaixaria mais na abstração que eu elaborei em minha experiência prévia (Glaserfeld, 1990, p. 5-6).

É muito difícil estabelecer um sentido consistente para as palavras de Glaserfeld. Aquilo que em nossa experiência restringe nossas construções é algo preexistente, independente? Seria possível algum indivíduo vir a coordenar as informações de seu sistema sensorial de maneira que fosse possível atravessar uma mesa? O que temos aqui é a pressuposição implícita de uma estrutura, seja ela social ou ambiental, e, ao mesmo tempo, a negação explícita da possibilidade de afirmar sua existência ou influência em nossas representações. Johnson (2010) lembra que a tese de Glaserfeld sobre o problema dos “outros” cai nessa mesma contradição: eles seriam criações cognitivas individuais que concomitantemente são capazes de restringir essas mesmas criações.

Uma última inconsistência deve ser indicada no solipsismo eventual de Glaserfeld. Sendo o CR uma mera teoria sem pretensão de verdade e que considera impossível transcender o âmbito experiencial, como é possível que Glaserfeld pretenda apresentá-la como uma teoria epistemológica geral, válida ou “viável” para todos os seres humanos? Em outras palavras: como ele pode justificar ser possível descrever fenômenos relativos à experiência individual no plural? É razoável, adotando as ideias construtivistas radicais, aceitar tal salto e generalização do mundo experiencial de um único indivíduo para a fundação de uma teoria sobre o conhecimento humano?

A Eterna Circularidade Contraditória do Relativismo no Construtivismo Radical

Glaserfeld (2007a) afirma que o CR é “uma forma de pensar o conhecimento e a atividade de conhecer” (p. 1), sem pretensão, portanto, de superioridade epistemológica:

Para começar, tem que ser salientado que ele não pretende descrever características do mundo mas propor um caminho de reflexão que possa ser útil para lidar com um bom número de problemas que enfrentamos hoje (Glaserfeld, 2001, p. 1).

Não poderia ser diferente, pois ele não acredita ser possível obter conhecimento sobre o mundo real:

Considerando que, assim como qualquer outro conhecimento racional, teorias científicas são derivadas da experiência humana e formuladas em termos de conceitos humanos, parece não mais que uma esperança piedosa esperar que essas teorias reflitam qualquer coisa além da interface experiencial (Glaserfeld, 2001, p. 10).

Mas se assim é, como devemos julgar sua posição crítica com relação ao realismo ontológico e ao representacionismo? Se o CR não se coloca numa posição de descrever o mundo tal como ele é, ele próprio não é uma teoria de como o processo de aquisição de conhecimento é. Ele seria, na melhor das hipóteses, uma teoria que “serve”, que é “viável”, entre muitas outras. Essas outras também podem ser viáveis, tanto para alguns que eventualmente aceitem o CR como para os que o rejeitam.

Então, como afirma Castañon (2005), se nós vivemos na prisão solipsista de nossas próprias mentes, como os construtivistas radicais poderiam tentar nos convencer a adotar sua própria teoria? Como poderiam defender algo que eles próprios sequer podem dizer que seja verdadeiro ou viável para pessoas que não compartilham de suas crenças? Ou seja, se eles não podem defender que sua teoria é melhor que as outras, por que devem aceitá-la aqueles que têm outra e acreditam que a sua própria é uma aproximação da verdade melhor? Sua defesa, partindo de suas teses, não seria uma mera forma de autoritarismo?

O realismo ontológico, particularmente, vem sendo extremamente útil à ciência e compatível (“viável”) com os dados de nossa experiência. Então, volta a pergunta, como a identificou Martínez-Delgado (2002): por que abrir mão dessa “construção”? A tentativa de superar o realismo ontológico indica claramente pretensões de verdade, não de viabilidade, no CR.

Uma última aporia grave se dá quando o CR é obrigado a admitir que algumas teorias (por exemplo, o falsificacionismo) são viáveis e, ao mesmo tempo, afirmam que:

- (1) existem teorias melhores que outras e
- (2) o CR está fundamentalmente errado. Como poderia ser “viável” uma teoria que afirma que o CR é falso e não funciona?

Consideremos afirmações de Glasersfeld enunciadas exatamente no mesmo texto:

O Construtivismo Radical, portanto, não pode ser um sistema metafísico, nem reivindicar ser “verdadeiro”. De ato, construtivistas radicais nunca dizem: Isso é assim! Eles simplesmente sugerem: Isso pode funcionar assim (Glasersfeld, 2000, p. 2).

À diante...

Na medida em que esses equívocos são honestos, eles parecem ser causados por cegos conceituais que a epistemologia tradicional colocou no lugar dos leitores. *Como acontece com cavalos em pânico, seus antolhos impedem visões perturbadoras e insights.* Apesar disso eu não abandonei a esperança de que algum de nós vai um dia encontrar um modo de colocar essas questões básicas do construtivismo de forma tão clara que mesmo os críticos realistas inveterados não serão capazes de desconstruí-los (Glasersfeld, 2000, p. 3, grifo nosso).

O uso de termos como “antolhos fechados” e “cavalos em pânico” para designar pessoas que acreditam em teses da epistemologia tradicional evidencia que Glasersfeld, como todos os outros, considera sua abordagem menos ingênua e capaz de enxergar melhor as coisas, ou seja, superior epistemologicamente. Não há como defender uma abordagem sem afirmá-la como preferível a outra. Ora, preferível é só outro nome para superior.

A Impossível Fuga da Ontologia

Ainda que Glasersfeld tenha reiterado insistentemente (1984; 1990; 1994; 1996; 2000; 2001; 2004; 2005) que buscava propor racionalmente uma teoria sobre o conhecimento sem entrar no campo ontológico, como não poderia deixar de ser, este assumiu pressupostos ontológicos. Ele próprio admite em alguns textos (Glasersfeld, 1994; 2008) que o CR se baseia em algumas pressuposições básicas, tais

como a existência individual da memória e a consciência. No entanto, ele nega que estas sejam teses ontológicas sobre a natureza da mente e do sujeito do conhecimento. Segundo Glasersfeld (2008), estes são somente parte de “uma hipótese de trabalho” (p. 64).

No fim de sua vida, ele (Glasersfeld & Ackermann, 2011) apresentou um artigo numa tentativa de esclarecer o conceito de experiência e abordar o papel da consciência diante da experiência, onde são feitas afirmações superficiais que parecem nada dizer respeito ao debate filosófico atual.

Quando questionado diretamente sobre o problema, responde:

O “seu” é essencialmente uma questão metafísica, e porque o construtivismo se considera um modelo de conhecimento racional, ele não tem nada a dizer sobre metafísica. Mas seu ponto de contato com a metafísica, ou o místico, é sua aceitação do mistério da consciência. Eu não tenho explicação, modelo ou teoria sobre o fato de que eu sou capaz de ser consciente da experiência e do que eu posso construir dela (em Kenny, 2011, p. 206).

A noção de experiência adotada pelo CR se pauta basicamente nas ideias piagetianas, mas este também não assume essa “noção” como pressuposto de natureza ontológica. Da mesma forma, assume que o conhecimento é construído de acordo com a tese piagetiana do mecanismo geral de inteligência, mas não assume este como um pressuposto ontológico acerca da natureza do conhecimento. O mesmo processo se repete com a capacidade do sujeito do conhecimento para a memória, pressuposta em suas teses.

Mesmo que implicitamente, embora enfatizando inúmeras vezes seu caráter “agnóstico” com relação a juízos metafísicos, o CR necessita, como toda teoria epistemológica, pressupor algumas teses metafísicas. Neste caso, elas são uma estrutura pré-determinada, seja um “ambiente caixa preta”, seja uma estrutura cognitiva ou um princípio intelectual capaz de assimilar e acomodar conteúdos a ela. E não custa nada lembrar que, se considerarmos o CR como uma abordagem epistemológica geral, essas pressuposições não operam meramente no plano individual, mas têm que se apresentar como processos cognitivos universais e estáveis. Caso contrário, elas não valeriam para qualquer outro indivíduo que não Glasersfeld e poderiam se alterar a qualquer momento.

Como enfatiza Martínez-Delgado (2002), “esse princípio oculto de uma natureza humana comum, que nos permite passar do individual para o plural ‘nós’, reintroduz o realismo objetivista na teoria construtivista e implica a perda do axioma característico do construtivismo radical, individualista” (p. 845).

O Truque Retórico da Incomunicabilidade para se Esquivar de Críticas

A tese de que não existem significados compartilhados permite que Glasersfeld faça uso corriqueiro de um truque retórico para se esquivar de críticas. A estrutura geral do sofisma consiste em assumir a incomunicabilidade para afirmar que as críticas ao CR nascem da incompreensão deste por parte do crítico: “...você só ouve as palavras que digo e as interpreta do seu jeito. Esse é o fato maravilhoso e terrível sobre a linguagem. Sempre falamos de significados compartilhados. Mas falar de ‘significados compartilhados’ é puro nonsense” (Glasersfeld, 1994, p. 125).

Quando questionado, como foi no debate no qual mencionou o trecho anterior, se ele espera ser compreendido pelas pessoas, apresenta respostas evasivas como “você tem que decidir isso” (1994, p. 125) ou, se espera ser compreendido aproximadamente: “consequentemente, seria uma ilusão bastante ingênua de minha parte acreditar que você tenha entendido o que eu disse nesta palestra exatamente como eu pretendia. Ficarei satisfeito se tiver dado a você algumas coisas sobre as quais pensar” (Glasersfeld, 2003, p. 7). Ora, dessa forma, quando criticado, basta alegar que não foi bem compreendido.

Suspender a Crença sobre o Mundo, exceto quando Confirma o Construtivismo Radical

O CR faz uso de investigações empíricas que se consideram objetivas e foram conduzidas dentro da ciência moderna (Piaget, Darwin, neurociência) para amparar sua doutrina de que não temos acesso objetivo ao mundo. Autores como Gadenne (2010), Saalman (2007) e Schmidt (2008) foram capazes de identificar vários problemas em relação a essa questão. Como nos aponta Boden (2010), “Glasersfeld, da mesma forma, não pode extrair conforto metafísico de seu apelo à Psicologia piagetiana” (p. 88).

Em seus primeiros artigos, Glasersfeld tenta, seguindo Piaget, apresentar uma epistemologia amparada por resultados empíricos. Posteriormente, frente às críticas, passou a alegar e enfatizar que sua teoria não era derivada de estudos empíricos (Glasersfeld,

2005; 2007b; 2007c), embora utilize ideias provenientes desses trabalhos.

A Inviabilidade da “Viabilidade” Construtivista Radical

Como já foi dito, o conceito de viabilidade é utilizado no CR como substituto do conceito de verdade tarskiano. Alvo também de críticas, o conceito de viabilidade se mostra ineficaz e nebuloso. Kelly (1997) questiona: “Construtivistas Radicais enxergam ambos o criacionismo e o evolucionismo como ‘fitting’? Se sim, devemos ensinar ambos?” (p. 363). O mesmo acontece quando Meyer (2009) se pergunta como distinguir o viável do não viável. Como distinguir o viável do não viável de forma universal sem pressupor uma estrutura metafísica responsável por restringir nossas construções? A quem resta a palavra final: à lógica, ao consenso ou ao indivíduo com seus objetivos e seu mundo experiencial? Esse conceito poderia ser aplicado a todos os indivíduos?

Considerações finais

O que podemos concluir aqui é que não importa se devemos interpretar o CR como solipsista ou não. Porque, na primeira opção, temos uma teoria irrelevante para qualquer um que não Glasersfeld e, na segunda, temos uma repetição das teses básicas do construtivismo piagetiano. Em outras palavras: se radical, o construtivismo de Glasersfeld não é relevante para outras pessoas. Se não, é construtivismo trivial.

Da forma como é apresentado por Glasersfeld, o CR não somente se anula no mesmo tipo de circularidade destrutiva de toda forma de subjetivismo, mas também enfrenta várias aporias. Entre estas, temos os pressupostos ontológicos que assume em sua alegação de renunciar a pressupostos ontológicos; o recurso a investigações empíricas para sustentar que o conhecimento objetivo não existe; a falta de viabilidade do conceito de viabilidade; e a transmissão, através da linguagem, da tese de que a linguagem não pode comunicar.

Por fim, devemos lembrar também a esterilidade dessa teoria. O que temos a ganhar adotando o CR? A área em que ele parece ter alcançado maior popularidade é a pedagogia, além de nichos restritos da literatura e psicoterapia. Mas a verdade é que nada de útil parece ter saído dele nos últimos 40 anos. Nenhuma contribuição à ciência ou à prática. E, mesmo que alguns tomem certas práticas derivadas do CR como eficazes, essa eficácia, partindo dos pressupostos do CR, seria questionável por dois motivos:

- (1) poderia ser interpretada como uma mera construção de seus propagadores sem capacidade de descrever os resultados reais; e
- (2) não poderia ser atribuída ao efeito do CR em meio à teoria piagetiana na qual está mergulhado, assim como em psicoterapia não é possível distinguir os resultados efetivamente derivados de práticas surgidas no seio do CR daqueles gerados pelas várias técnicas cognitivo-comportamentais que são utilizadas por esses terapeutas.

Como disse Glaserfeld em seus artigos iniciais de divulgação do CR:

De forma geral, nosso conhecimento é útil, relevante, viável, ou ainda queremos chamá-lo pelo polo positivo da escala de avaliação, se ele nos permite experimentar e fazer previsões, provocando ou evitando, conforme o caso, certos fenômenos (ou seja, surgimentos, eventos, experiências). Se o conhecimento não serve a tal propósito, ele se torna questionável, inconfiável, inútil e é eventualmente desvalorizado como superstição (Glaserfeld, 1984, p. 5).

Assim, medido por sua própria régua, o CR se revela, ainda hoje, inviável e irrelevante.

Referências

- Boden, M. (2010). Against constructivism. *Constructivist Foundations*, 6(1), 84-89.
- Brouwer, J. (1983). Intuitionism and formalism. In: P. Benacerraf, & H. Putnam (Eds.), *Philosophy of mathematics: selected readings* (pp. 52-76). Cambridge: Cambridge University Press.
- Gadene, V. (2010). Why radical constructivism has not become a paradigm. *Constructivist Foundations*, 6(1), 77- 83.
- Castañón, G. (2005). Construtivismo e ciências humanas. *Ciências & Cognição*, 5, 36-49.
- Castañón, G. (2009). *Construtivismo social: a ciência sem sujeito e sem mundo*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Glaserfeld, E. (1974). Piaget and the radical constructivist epistemology. In: C. D. Smock, & E. von Glaserfeld (Eds.), *Epistemology and education* (pp. 1-24). Athens: Follow-through Publications.
- Glaserfeld, E. (1981). The concepts of adaptation and viability in a radical constructivist theory of knowledge. In: I. E. Sigel, D. Brodzinsky, & R. M. Golinkoff (Eds.), *Piagetian theory and research* (pp. 87-95). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Glaserfeld, E. (1984). An introduction to radical constructivism. In: P. Watzlawick (Ed.), *The invented reality: contributions to constructivism* (pp. 18-40). New York: Norton.
- Glaserfeld, E. (1989a). Cognition, construction of knowledge and teaching. *Synthese*, 80, 121-140.
- Glaserfeld, E. (1989b). Constructivism in education. In: T. Husén, & T. N. Postlethwaite (Eds.), *The international encyclopedia of education* (pp.162-163). New York: Pergamon Press.
- Glaserfeld, E. (1990). An exposition of constructivism: why some like it radical. In: R. B. Davis, C. A. Maher, & N. Noddings (Eds.), *Monographs of the journal for research in mathematics education* (pp. 19-29). Reston, VA: National Council of Teachers of Mathematics.
- Glaserfeld, E. (1991a). Knowing without metaphysics: aspects of the radical constructivist position. In: F. Steiner (Ed.), *Research and reflexivity* (pp. 12-29). London: Sage.
- Glaserfeld, E. (1991b). Questions and answers about radical constructivism. In: M. Pearsal (Ed.), *Scope, sequence and coordination of secondary school science* (pp. 169-182). Washington, DC: Department of Education; National Science Foundation.
- Glaserfeld, E. (1994). The construction of knowledge. In: D. Schnitman (Ed.), *Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad* (pp. 115-128). Buenos Aires: Paidós.
- Glaserfeld, E. (1996). Aspects of radical constructivism. In: M. Pakman (Ed.), *Construcciones de la experiencia humana* (pp. 23-49). Barcelona: Gedisa Editorial.
- Glaserfeld, E. (1998). Construtivismo: aspectos introdutórios. In: C. Fosnot (Ed.), *Construtivismo: teorias, perspectivas e prática pedagógica* (pp. 19-24). Porto Alegre: Artmed.
- Glaserfeld, E. (2000). Problems of constructivism. In: L. Steffe, & P. Thompson (Eds.), *Radical constructivism in action. Building on the pioneering work of Ernst von Glaserfeld* (pp. 1-9). London: Routledge; Falmer.
- Glaserfeld, E. (2001). The radical constructivist view of science. *Foundations of Science*, 6(1-3), 31-43.
- Glaserfeld, E. (2003). The constructivist view of communication. In: A. Müller, & K. Müller (Eds.), *An unfinished revolution* (pp. 351-360). Vienna: Edition Echoraum.

- Glaserfeld, E. (2004). Constructivism. In: W. Craighead, & C. Nemeroff, *The Concise Corsini Encyclopedia of Psychology and Behavioral Science* (pp. 219-220). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Glaserfeld, E. (2005). Thirty years of radical constructivism. *Constructivist Foundations*, 1(1), 9-12.
- Glaserfeld, E. (2007a). Aspects of constructivism: Vico, Berkeley, Piaget. In: M. Larochelle (Ed.), *Key works in radical constructivism* (pp. 91-99). Rotterdam, The Netherlands: Sense Publishers.
- Glaserfeld, E. (2007b). Some rash conclusions. *Constructivist Foundations*, 3(1), 7- 8.
- Glaserfeld, E. (2007c). Cybernetics and the theory of knowledge. In: M. Larochelle (Ed.), *Key works in radical constructivism* (pp. 153-172). Rotterdam, The Netherlands: Sense Publishers.
- Glaserfeld, E. (2008). Who conceives of society? *Constructivist Foundations*, 3(2), 59-64.
- Glaserfeld, E., & Ackermann, E. (2011). Reflections on the concept of experience and the role of consciousness: unfinished fragments. *Constructivist Foundations*, 6(2), 195-205.
- Hacking, I. (1999). *The social construction of what?* Cambridge: Harvard University Press.
- Hardy, M., & Taylor, P. (1997). Von Glaserfeld's radical constructivism: a critical review, *Science & Education*, 6, 135-150.
- Johnson, D. (2010). Footprints in the sand: radical constructivism and the mystery of the other. *Constructivist Foundations*, 6(1), 90-99.
- Kant, I. (2001). *Critica da razão pura*. Lisboa: Calouste Gulbenkian. (Original publicado em 1787).
- Kelly, G. J. (1997). Research traditions in comparative context: a philosophical challenge to radical constructivism, *Science Education*, 81, 355-375.
- Kenny, V. (2007). Distinguishing Ernst von Glaserfeld's "Radical Constructivism" from Humberto Maturana's "Radical Realism". *Constructivist Foundations*, 2(2-3), 58-64.
- Kenny, V. (2011). Continuous dialogues: Glaserfeld's answers to a wide variety of questioners on the Oikos Web Site - 1997-2010. *Constructivist Foundations*, 6(2), 204-212.
- Kukla, A. (2000). *Social constructivism and philosophy of science*. London: Routledge.
- Longuenesse, B. (1998). *Kant and the capacity to judge: sensibility and discursivity in the transcendental analytic of the "Critique of pure reason"*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Mahoney, M. (2004). What is constructivism and why is it growing? *Contemporary Psychology*, 49, 360-363.
- Martínez-Delgado, A. (2002). Radical constructivism: between realism and solipsism. *Science Education*, 86, 840-855.
- Meyer, D. L. (2009). The poverty of constructivism. *Educational Philosophy and Theory*, 41(3), 332-341.
- Müller, K. (2010). The radical constructivist movement and its network formations. *Constructivist Foundations*, 6(1), 31-39.
- Phillips, D. (1995). The good, the bad and the ugly: the many faces of constructivism. *Educational Researcher*, 4(7), 5-13.
- Piaget, J. (1967). *Logique et connaissance scientifique*. Paris: Gallimard.
- Piaget, J. (1973). *Psicologia e epistemologia*. Rio de Janeiro: Forense.
- Piaget, J. (1975). *Epistemologia genética*. São Paulo: Abril Cultural.
- Piaget, J. (1979). *A construção do real na criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Piatelli-Palmarini, M. (Org.) (1987). *Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem*. Lisboa: Edições 70.
- Rockmore, T. (2005). *On constructivist epistemology*. New York: Rowman & Littlefield Publishers.
- Rychlak, J. (1999). Social constructionism, postmodernism, the computer model: searching for human agency in the right places. *Journal of Mind and Behavior*, 20(4), 379-389.
- Saalmann, G. (2007). Arguments opposing the radicalism of radical constructivism. *Constructivist Foundations*, 3(1), 1-20.
- Schmidt, S. (2008). So far from now on: Josef Mitterer's non-dualistic critique of radical constructivism and some consequences. *Constructivist Foundations*, 3(3), 163-171.
- Shannon, C. (1948). A mathematical theory of communication. *Bell System Technical Journal*, 27(3), 379-423.

Endereço para correspondência:

Gustavo Arja Castañon
 Universidade Federal de Juiz de Fora
 Departamento de Filosofia
 Rua José Lourenço Kelmer, s/n
 Campus Universitário – São Pedro
 CEP: 36036-900 – Juiz de Fora/MG
 E-mail: gustavocastanon@hotmail.com

Recebido em 13/06/2013
 Revisto em 24/11/2013
 Aceito em 22/01/2014